

Quando a casa vira rua: moralidades e regimes de violência no mundo doméstico em Barbacena¹

Shirley Torquato ²

Eliane da Silva ³

Resumo

Esta pesquisa, que se encontra em seu estado inicial, tem como objetivo analisar as interações que se estabelecem entre os domínios da *casa* e da *rua*, com foco nas situações de violência que ocorrem no espaço doméstico. A atenção recai especialmente sobre a violência dirigida contra mulheres e grupos em situação de vulnerabilidade — pessoas LGBTQ+, idosos, pessoas com deficiência, crianças e adolescentes residentes na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Tomando como referência a dualidade “casa e rua”, categorias centrais na obra de Roberto DaMatta, observa-se que a inversão das moralidades associadas a esses dois domínios intensifica o impacto social da transgressão. A ruptura da fronteira entre o espaço privado e o espaço público converte conflitos familiares em um tipo específico de violência: a violência doméstica. Nesse sentido, torna-se fundamental distinguir, nos levantamentos estatísticos, os dados relativos à segurança pública em geral daqueles diretamente relacionados às agressões ocorridas no interior das residências. A família e o espaço doméstico constituem um paradoxo: simultaneamente concebidos como lugar de afeto e proteção, são também cenário privilegiado de violência física, simbólica e emocional. Contudo, ao ocorrer no âmbito privado, tende a permanecer oculta, sustentada pelo silêncio, vergonha e segredo que envolvem as relações familiares — fatores que dificultam a denúncia e a visibilidade pública desses episódios. Embora Barbacena apresente, segundo pesquisa realizada em 2024 pelas Secretarias Estaduais de Segurança Pública e Polícia Militar de Minas Gerais, as menores taxas de crimes e violência urbana entre cidades com mais de 510 mil habitantes, dados divulgados pela Sejusp indicam que, entre 2022 e 2024, os casos de violência doméstica e familiar contra a mulher cresceram 18% no município. O contraste evidencia que, apesar da baixa incidência de violência nas ruas, o ambiente doméstico permanece como um espaço crítico de risco e vulnerabilidade, especialmente para mulheres. A partir dessa abordagem, busca-se compreender como as moralidades locais, as dinâmicas familiares e as estruturas institucionais influenciam a produção, a legitimação e o enfrentamento da violência no interior do lar.

Palavras-chave: Casa; rua; violência doméstica; Barbacena.

Rethinking the Boundaries and Moralities of Home and Street in Barbacena, Minas Gerais: Controversies Surrounding Conflict and Violence in the Domestic Sphere

Abstract

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2026.

² Doutora em Antropologia pelo PPGA- UFF. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, unidade Barbacena.

Pesquisa realizada com amparo do Edital 15/2024 do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG).

³ Discente de graduação do curso de Serviço Social UEMG.

This research aims to analyze the interactions established between the domains of *home* and *street*, with particular attention to situations of violence occurring within the domestic sphere. The study focuses especially on violence directed at women and socially vulnerable groups — including LGBTQ+ individuals, older adults, people with disabilities, and children and adolescents — living in the city of Barbacena, Minas Gerais, Brazil. Drawing on the classic Brazilian anthropological duality of “home and street,” conceptualized by Roberto DaMatta, the study argues that the inversion of the moral expectations associated with these two domains intensifies the social impact of transgression. When the symbolic boundary separating private and public life is disrupted, familial conflicts become a specific form of violence: domestic violence. It is therefore essential to distinguish, in official statistics, the data related to general public security from those that reflect violence occurring within households, particularly in the context of Barbacena. The domestic space and the family constitute a paradox. While widely imagined as a site of affection, intimacy, and protection, they are also primary settings for physical, symbolic, and emotional violence. Although Barbacena is considered a peaceful and tranquil city — presenting some of the lowest rates of public and urban crime according to a 2024 study conducted by the State Secretariat of Public Security and the Military Police of Minas Gerais — data released by the State Secretariat of Justice and Public Security indicate an 18% increase in domestic and family violence against women between 2022 and 2024. This contrast shows that while the streets may appear relatively safe, the domestic environment remains a critical site of vulnerability, especially for women. Through this approach, the study seeks to understand how local moralities, family dynamics, and institutional structures shape the production, legitimization, and confrontation of domestic violence within the home.

Key words: Home; Street; Domestic violence; Barbacena.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar as relações que se entrelaçam nos domínios da *casa* e da *rua*, bem como as práticas que desencadeiam situações de violência entre membros de uma mesma família, com ênfase na violência dirigida contra mulheres e grupos socialmente vulneráveis — crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência — na cidade de Barbacena, região das Vertentes, em Minas Gerais. A análise parte da tradição inaugurada por Gilberto Freyre (2001; 2003), que evidenciou a centralidade da casa na formação social brasileira, e das categorias morais de Roberto DaMatta (1984; 1997), para quem “casa” e “rua” constituem domínios éticos fundamentais para compreender a vida social. Neste estudo, que ainda encontra-se embrionário, a casa é tratada como categoria espacial, moral e simbólica decisiva para a compreensão antropológica da violência, pois é nela que se atualizam relações de poder, hierarquias e desigualdades, como apontam Pierre Bourdieu (1999) ao discutir a

dominação masculina, Cynthia Sarti (2004) ao analisar moralidades familiares, e Marilyn Strathern (2006) ao abordar as dinâmicas de gênero e parentesco. Além disso, a violência doméstica é entendida como forma intensa e, muitas vezes, legitimada de agressão íntima, conforme observado por Veena Das (2007) e Rita Segato (2003). Dialogando com esses autores clássicos e contemporâneos, o estudo busca compreender como estruturas culturais, valores familiares e moralidades locais moldam, silenciam ou legitimam práticas de violência no interior do lar.

Metodologia adotada

A pesquisa encontra-se em sua fase inicial e conta com apoio da agência de fomento da Universidade do Estado de Minas Gerais. A equipe adota uma abordagem metodológica mista, articulando análise de dados oficiais e investigação etnográfica e qualitativa fundamentada em métodos clássicos e contemporâneos da antropologia. Compreendendo a violência doméstica como um fenômeno social complexo, situado e moralmente denso, o estudo busca apreender significados, práticas, narrativas e moralidades que estruturam a vida doméstica em Barbacena. O objetivo é identificar como esses elementos se articulam às dinâmicas locais e, especialmente, compreender o contraste que marca o município: enquanto os índices de violência urbana permanecem entre os mais baixos do estado, os casos de violência doméstica seguem em crescimento.

O estudo, portanto, dedica-se a explorar as razões sociais, culturais e institucionais que explicam essa dissociação entre “segurança das ruas” e “risco dentro de casa”. A primeira etapa consiste na revisão de literatura sobre: antropologia da casa e da domesticidade (FREYRE, 1933; DA MATTA, 1979; BACHELARD, 1957; STRATHERN, 1988); violência de gênero e violência doméstica (SEGATO, 2003; BUTLER, 1990; SARTI, 2014; DAS, 2007); antropologia do Estado e das instituições de controle (FOUCAULT, 1975; KANT DE LIMA, 1995; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988; MISSE, 1999); estudos urbanos e moralidades cotidianas (TELLES, 2006; CALDEIRA, 2000; HOLSTON, 2008; MAGNANI, 2002). Também serão analisados dados oficiais das Secretarias de Segurança Pública de Minas Gerais, Polícia Militar, Sejusp e Ministério Público, dialogando com o material estatístico com interpretações qualitativas (BOURDIEU, 1999). A segunda etapa inclui trabalho de campo etnográfico em instituições que prestam serviços municipais de saúde e assistência na cidade e que atendem a pessoas vítimas de negligência ou omissão familiar; violência psicológica;

violência patrimonial; violência física e violência sexual, com a finalidade de desenhar o mapeamento das moralidades e categorias nativas (PEIRANO, 1995; VELHO, 1994). Partimos do pressuposto que, com essa observação poderemos articular categorias nativas, como casa, rua, família, respeito, vergonha, hierarquia; acessar dispositivos estruturais (gênero, domesticidade, patriarcado, desigualdade, *habitus*); moralidades locais; interações entre sujeitos e instituições, e dessa forma identificar as tensões entre indivíduo/pessoa e casa/rua (DA MATTA, 1979; KANT DE LIMA, 1995; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). O objetivo é compreender como a violência doméstica é produzida, legitimada, silenciada ou denunciada, e de que forma ela se relaciona com valores culturais, estruturas familiares e práticas institucionais.

Desenvolvimento do tema

A literatura antropológica brasileira inaugurada por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* (2001) e *Sobrados e Mucambos* (2003) consolidou a centralidade da casa como núcleo da vida social, moral e política no Brasil. Em Freyre, a constituição da sociedade brasileira se estrutura a partir das relações domésticas, da intimidade e daquilo que ele chama de “microfísica da vida social”, antecipando debates posteriores sobre corporalidade, afetos e hierarquia.

Seguindo essa tradição, Roberto Da Matta (1979; 1984; 1997) desenvolve as categorias *casa* e *rua* como eixos interpretativos da sociedade brasileira. Para o autor, tais termos não designam apenas espaços geográficos, mas domínios morais e esferas de ação social, dotados de significados próprios e organizadores da experiência. A casa seria, assim, um território de proteção, identidade, afetividade e personalização — onde o indivíduo se torna *pessoa* —, enquanto a rua representa o domínio do anonimato, das regras universais, da igualdade formal, onde o sujeito é reduzido à condição de *indivíduo*.

Contudo, a antropologia contemporânea complexifica esse quadro. Vera Telles (2010) e Teresa Caldeira (2000) mostram como as fronteiras entre casa e rua são constantemente tensionadas por desigualdades, violências e moralidades urbanas em contextos periféricos. Marilyn Strathern (1992) e Daniel Miller (2002), por exemplo, ao pensarem domesticidade, gênero e relações de cuidado, evidenciam como a casa é uma instituição relacional, atravessada por poder, obrigações e desigualdades.

Neste sentido, pensar a casa como “lugar de memória, subjetividade e afeto” (Bachelard, 1957), mas também como espaço de *violência estrutural* e *violência íntima* (Das, 2007), permite compreender suas ambiguidades. A casa é simultaneamente refúgio e risco; um espaço de proteção e, ao mesmo tempo, um dos principais cenários de agressões físicas, simbólicas e morais — especialmente contra mulheres.

Para Pierre Bourdieu (1999;2008), o universo doméstico é uma instituição estruturante da vida social: nele se reproduzem *habitus*, disposições incorporadas, distinções de classe, e, sobretudo, a *dominação masculina*. O autor mostra como a casa é um dos lugares onde as relações de força físicas e simbólicas são mais naturalizadas, operando como um microcosmo da ordem social mais ampla.

No Brasil, como aponta Sonia Roncador (2008), o início da República consolidou a figura da dona de casa e da mãe como projeto político nacional, reforçando papéis de gênero, disciplinamento do corpo feminino e ideais higienistas. Tais moralidades se prolongam no presente e influenciam diretamente as violências contemporâneas.

Por esse viés, a violência doméstica não é apenas um desvio moral individual, mas parte de um sistema que articula patriarcado, desigualdades de gênero, hierarquias familiares e formas de autoridade, como mostram Rita Segato (2003) e Margareth Rago (2013). Essas autoras demonstram que a violência é frequentemente legitimada por expectativas sociais acerca do papel das mulheres, do controle masculino sobre o corpo e sobre a vida emocional dos demais membros da família. Assim, quando categorias nativas como *casa* e *rua* são subvertidas, a transgressão social torna-se mais grave: a violência doméstica, por ocorrer no espaço moralmente associado ao cuidado, assume contornos particularmente dramáticos — tal como observa Lins (1998), a família é o lugar onde a violência é mais intensa, autorizada e silenciada.

A realidade de Barbacena reflete esse paradoxo: embora apresente baixas taxas de violência urbana, observa-se o aumento significativo da violência doméstica contra mulheres, segundo os dados Sejustp/MG (2022–2024). Em contraste com representações locais que definem a cidade como “tranquila”, o espaço doméstico revela-se campo de conflitos intensificados. Essa lacuna justificou a escolha do município como uma das cidades a receber uma unidade física de enfrentamento pelo Ministério Público de Minas Gerais.

Sobre a cidade de Barbacena

A cidade de Barbacena está localizada na Serra da Mantiqueira e é integrante da região do Campo das Vertentes. É caracterizada como uma cidade de porte médio cuja formação histórica e institucional produziu modos específicos de sociabilidade, moralidades e ordenação da vida urbana. De acordo com estimativas do IBGE (2022), reúne aproximadamente 125 mil habitantes, e possui grande importância regional no comércio, na agropecuária, nos serviços e na educação. Historicamente, a cidade vem se estruturando, desde o século XIX, como polo militar, administrativo e educacional — um processo que, conforme demonstra José Murilo de Carvalho (1966) em seu estudo sobre a formação política regional, esteve profundamente enraizado na atuação das elites familiares locais. Essas elites organizaram redes de poder baseadas em alianças de parentesco, controle territorial e autoridade moral, conformando um padrão político que articulava Estado, família e hierarquia de modo característico. Tais configurações podem ser compreendidas, em termos antropológicos, como tramas institucionais de poder (FOUCAULT, 1975), nas quais instituições disciplinares e estruturas de autoridade se entrelaçam com práticas cotidianas e expectativas sociais.

Do ponto de vista das dinâmicas urbanas, Barbacena pode ser compreendida como um centro intermediário cuja vida social articula práticas tradicionais, redes urbanas e formas de sociabilidade características de cidades médias brasileiras — fenômeno analisado por Magnani (2002) e Velho (1994) ao discutirem territorialidades, circuitos urbanos e estratégias cotidianas de navegação moral. Sua posição geográfica, conectada por fluxos rodoviários e econômicos, contribui para a formação de um espaço social marcado pela coexistência entre elementos tradicionais e contemporâneos, indicando o que Augé (1994) denomina “lugares antropológicos”: espaços que condensam identidades, relações e histórias.

A presença relevante de instituições militares, mais especificamente, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAr), reforça a dimensão estatal no ordenamento local. Tal presença pode ser analisada à luz das reflexões de DaMatta (1979; 1987) sobre hierarquia e moralidade pública, evidenciando como estruturas disciplinares moldam disposições sociais e expectativas de conduta. Paralelamente, a importância regional de Barbacena nos setores de serviços, cultura e educação a inscreve no debate sobre cidadania insurgente e desigualdade urbana (HOLSTON, 2008; CALDEIRA,

2000), especialmente quando contrastada com suas formas de vulnerabilidade social e tensões no espaço doméstico.

Essa configuração complexa torna Barbacena um caso particularmente fértil para investigações antropológicas que visem compreender modos de habitar, dinâmicas familiares, violências, processos de institucionalização, formas de moralidade e relações entre Estado e sociedade. No município, bem como em qualquer outro, existem disputas simbólicas que se entrelaçam na constituição de territórios, pertencimentos e fronteiras morais.

Portanto, Barbacena não é apenas um espaço geográfico ou histórico, mas um campo etnográfico denso, no qual a vida social se estrutura na articulação entre tradições familiares, formas locais de poder e moralidades que atravessam tanto a esfera doméstica quanto o espaço público. Como demonstrou José Murilo de Carvalho em seu estudo clássico sobre a política barbacenense no século XIX — *“Barbacena: a família, a política e uma hipótese”* — a cidade constituiu-se historicamente a partir da força de suas elites familiares, cujas redes de parentesco, alianças políticas e disputas por prestígio moldaram a organização do Estado local e a formação de uma cultura política marcada pela hierarquia, pelo personalismo e pela centralidade do mundo doméstico. Essa herança histórica, baseada na interdependência entre família e poder, ressoa nas dinâmicas contemporâneas do município e ajuda a compreender a persistência de formas de autoridade, controle e distinção social que configuram modos de vida e de habitar.

O estudo de um fenômeno como a relação entre o espaço público e o privado em Barbacena, permite observar a interseção entre políticas de controle, moralidades domésticas, memórias traumáticas — como as associadas ao Hospital Colônia — e reconfigurações urbanas contemporâneas. À luz desse percurso histórico, o município revela-se um terreno privilegiado para análises que investigam as relações entre Estado, família, cidade e violência, temas centrais na antropologia brasileira e fundamentais para compreender os processos que atravessam a vida social no interior de Minas Gerais e, por extensão, no Brasil.

A casa e a rua no contexto barbacenense

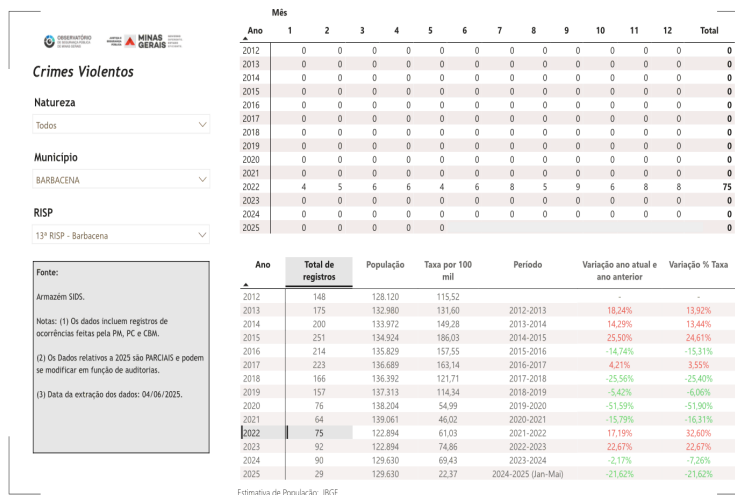
Dialogando com Kant de Lima e Cardoso de Oliveira (2023), que traduzem as categorias *indivíduo/pessoa* e *casa/rua* no contexto jurídico brasileiro, observamos como o sistema legal mantém estruturas hierárquicas profundas, herdadas de tradições coloniais e patrimoniais, interferindo diretamente na forma como a violência doméstica é denunciada, interpretada e julgada.

Portanto, compreender a violência doméstica em Barbacena exige articular moralidades locais, categorias nativas que estruturam a vida social, relações de gênero e hierarquia, desigualdades estruturais e as práticas estatais de mediação, controle e proteção. Tal articulação dialoga diretamente com as análises de Kant de Lima e Cardoso de Oliveira (2023), para quem o sistema jurídico e policial brasileiro opera segundo distinções moralmente situadas — especialmente entre *pessoa* e *indivíduo* — que organizam expectativas de comportamento, legitimidade e autoridade na vida cotidiana.

Ao mobilizar esse referencial, torna-se possível compreender como a casa — historicamente concebida como espaço de afeto, honra e proteção — pode igualmente ser convertida em arena de agressão, controle e sofrimento. Nesse sentido, as moralidades familiares que estruturam a vida doméstica e as formas locais de hierarquia se imbricam às maneiras pelas quais o Estado reconhece, intervém ou silencia conflitos privados, revelando tensões profundas entre intimidade, poder e violência no interior dos lares barbacenenses.

Resultados parciais

Conforme já fora salientado, a pesquisa está sendo gestada o que nos impede de demonstrar resultados categóricos sobre a relação casa e rua no que se refere a uma análise antropológica sobre violência. Os dados recentes nos indicam, portanto, até o momento que Barbacena apresenta um perfil singular no cenário de segurança pública mineiro. Em 2021, o município registrou uma taxa de aproximadamente 34,73 crimes violentos por 100 mil habitantes, a menor entre as 33 cidades de Minas Gerais com mais de 100 mil habitantes. Para 2022, estimou-se uma taxa de homicídios em torno de 8,0 por 100 mil habitantes, posicionando Barbacena entre as cinco cidades de porte médio mais seguras do estado.



Fonte: Observatório de Segurança Pública de Minas Gerais (2025). Dados provenientes da Polícia Militar (PM), Polícia Civil (PC) e Guarda Municipal (GM) do Estado de Minas Gerais.⁴



Fonte: IBGE/ Myside (2023)⁵

A análise desses números exige um diálogo com a literatura antropológica e sociológica sobre violência urbana, moralidades e práticas de autoridade no Brasil. Caldeira (2000) argumenta que a distribuição desigual da violência é inseparável

⁴ Disponível em :<
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTIwNTNmOGItNDYjNy00MzZmLTg2NzAtNjAyNDZjZGNIWmIiIiwidCI6ImU1ZDNhZTdjLTliMzgtNDhkZS1hMDg3LWY2NzZmOjY0YTl4NzU3NCJ9>> Acesso em 5 nov. 2025.

⁵ Pesquisa realizada de acordo com os dados do IBGE de 2022. Disponível em :<
<https://folhadebarbacena.com.br/barbacena-e-destaque-entre-as-cidades-mineiras-mais-seguras-em-2024/>> Acesso em 5 nov. 2025.

das formas de segregação urbana e das moralidades que regulam quem deve ser protegido e quem pode ser exposto ao risco. Nesse sentido, a “segurança” de Barbacena — quando comparada a outros municípios mineiros — não pode ser dissociada das dinâmicas locais que regulam visibilidade, conflito e circulação.

Por outro lado, a noção de cidadania diferenciada/insurgente proposta por Holston (2013) permite perceber como experiências urbanas de proteção ou vulnerabilidade variam conforme pertencimentos sociais, trajetórias e hierarquias morais. Em cidades de porte médio como Barbacena, a relativa estabilidade dos índices de violência urbana pode expressar formas particulares de negociação entre Estado e população, estruturadas por redes de sociabilidade densas e relações de proximidade, tal como propõem Velho (1994) e Telles (2010).

Além disso, a reflexão de Kant de Lima (1997; 2023) sobre os regimes brasileiros de administração da ordem pública — baseados em distinções morais entre *pessoas* e *indivíduos* — ajuda a compreender como práticas policiais, percepções de perigo e lógicas de suspeição moldam o que é classificado como “violência urbana” ou permanece na invisibilidade. Em muitas cidades brasileiras, o que aparece nas estatísticas é apenas uma fração da conflitualidade social, filtrada por moralidades e critérios institucionais próprios do sistema de justiça.

Nesse mesmo sentido, Michel Misse (2010) contribui ao demonstrar que a violência urbana não é apenas um conjunto de eventos, mas um processo de incriminação: um modo de nomear, interpretar e gerir conflitos, atravessado por estigmas, economias morais e categorias nativas como “bandido”, “suspeito” ou “gente de bem”. Aplicado ao caso de Barbacena, isso sugere que os baixos índices de crimes violentos refletem não só uma dinâmica real de menor letalidade urbana, mas também os modos pelos quais conflitos são administrados, nomeados ou mantidos no âmbito doméstico — dimensão que sua pesquisa demonstra ser central no município.

Assim, a aparente segurança urbana de Barbacena não indica ausência de violência, mas sua redistribuição entre diferentes esferas da vida social, sobretudo entre o público e o doméstico. Tal perspectiva reforça a necessidade de articular dados estatísticos e análises etnográficas para compreender como moralidades locais, práticas institucionais

e lógicas de classificação produzem modos específicos de viver — e de experimentar — a violência na cidade.

Sobre a casa

A análise dos dados da SEJUSP (2023) revela um crescimento contínuo nos registros de violência doméstica e familiar contra a mulher em Minas Gerais — processo igualmente observado em Barbacena. Entre 2020 e 2022, as taxas passaram de 15,67% para 16,54% e, posteriormente, para 18,31%, indicando não apenas um aumento quantitativo, mas uma intensificação das formas de conflito no interior das relações familiares.

Evolução de Vítimas Entre 2020 e 2022 nos Municípios de MG							
Município	Vítimas 2020	Taxa 100mil Mulheres 2020	Vítimas 2021	Taxa 100mil Mulheres 2021	Vítimas 2022	Taxa 100mil Mulheres 2022	Número Total
BARBACENA	1.134	1.567,10	1.204	1.653,57	1.178	1.830,70	3.516
Total	145.592		145.774		140.061		3.516

Variação de Vítimas e da Taxa de Vítimas por 100 Mil Mulheres Entre 2020 e 2022 nos Municípios de MG					
Município	Departamento	Variação% Vítimas 20/21	Variação% Taxa 20/21	Variação% Vítimas 21/22	Variação% Taxa 21/22
BARBACENA	13º DEPARTAMENTO - BARBACENA	6,17%	5,52%	-2,16%	10,71%

Fonte: Polícia Civil de Minas Gerais ⁶

Em 2024 (jan–mai), Barbacena registrou 552 ocorrências, o que representa um aumento de 18,2% em relação ao mesmo período de 2023, configurando o maior número dos últimos três anos. Esses indicadores sugerem que, embora a cidade apresente baixos índices de violência urbana, o espaço doméstico tem se consolidado como um território de alta vulnerabilidade — fenômeno amplamente problematizado pela antropologia da violência.

⁶ FOLHA DE BARBACENA. Violência doméstica e familiar: mais de 3 mil casos foram registrados em Barbacena nos últimos três anos. *Folha de Barbacena*, Barbacena, 2023 Disponível em: <https://folhadebarbacena.com.br/violencia-domestica-e-familiar-mais-de-3-mil-casos-foram-registrados-em-barbacena-nos-ultimos-tres-anos/>. Acesso em: 05 nov. 2025.

Esse contraste pode ser compreendido à luz de autores como Veena Das (2007), que demonstram como sistemas de violência se enraízam no cotidiano, naturalizando-se dentro das relações de intimidade. No contexto brasileiro, trabalhos como os de Sarti (1998) e Rita Segato (2003) evidenciam que a casa — imaginada como lugar de proteção, honra e comunalidade moral — é também um espaço onde hierarquias de gênero e desigualdades estruturais se atualizam de forma intensa e, muitas vezes, silenciosa.

Do ponto de vista institucional, as análises de Kant de Lima e Cardoso de Oliveira (2023) sobre moralidades jurídicas ajudam a compreender por que a violência doméstica permanece amplamente subnotificada e, ao mesmo tempo, aumenta quando políticas de incentivo à denúncia se tornam mais efetivas. Já a perspectiva de Michel Misse (2010) sobre processos de incriminação permite interpretar esses dados como efeitos de formas específicas de visibilidade e reconhecimento estatal da violência.

Assim, o crescimento expressivo das notificações em Barbacena não pode ser reduzido a mero aumento de casos, mas deve ser compreendido como resultado da sobreposição de fatores estruturais — desigualdades de gênero, moralidades familiares, relações hierárquicas, modos de administração estatal e pactos de silêncio — que tornam o domicílio um dos principais cenários de agressão, controle e violação de direitos.

Espera-se que a pesquisa produza um conjunto de resultados que ampliem a compreensão antropológica sobre a violência doméstica em cidades do interior brasileiro, especialmente em contextos em que *a violência urbana é baixa, mas a violência doméstica é alta* — paradoxo central identificado em Barbacena.

Considerações parciais

Como já indicado anteriormente, a pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, o que limita, neste momento, a apresentação de “conclusões mais assertivas” acerca das dinâmicas entre “casa” e “rua” na perspectiva antropológica da violência. Ainda assim, os dados disponíveis permitem identificar tendências relevantes. As estatísticas recentes mostram que Barbacena ocupa uma posição singular no panorama da segurança pública em Minas Gerais. Em 2021, o município registrou aproximadamente 34,73 crimes violentos por 100 mil habitantes — a menor taxa entre as 33 cidades mineiras com

população superior a 100 mil habitantes. Para 2022, estimou-se que a taxa de homicídios seria de cerca de 8,0 por 100 mil habitantes, o que reforça o padrão de baixa letalidade violenta em comparação com outros centros urbanos do estado.

Nesse sentido, a análise antropológica pode se beneficiar do diálogo com autores que discutem as articulações entre espaço doméstico, espaço público e moralidades urbanas. A clássica reflexão de Roberto DaMatta (1991) sobre as categorias “casa” e “rua” ajuda a compreender como diferentes esferas sociais estruturam formas de conflito, autoridade e violência. Do mesmo modo, abordagens sobre moralidades domésticas e regulações institucionais, como as de Mary Douglas (1976) na teoria da pureza e do perigo, oferecem ferramentas analíticas para examinar como determinados espaços são percebidos como protegidos, ameaçados ou poluídos. Autores que investigam violência e sociabilidade urbana no Brasil, como misse (2010) e Zaluar (1994), também contribuem para contextualizar o contraste entre baixa violência letal e a persistência de conflitos domésticos.

Barbacena — em sintonia com a tendência brasileira de altos índices de violência doméstica — é historicamente moldada por uma tradição militar e por práticas institucionais que ainda carregam marcas do modelo manicomial, pautado na normalização e no controle dos corpos. Esse contexto atualiza o que Heleieth Saffioti (2004) identifica como a articulação entre patriarcado, racismo e capitalismo. Nessa perspectiva, a violência doméstica opera como uma tecnologia de dominação que disciplina e regula os corpos femininos no espaço privado, enquanto a violência urbana se converte em um fenômeno mais diretamente alvo da vigilância e da intervenção estatal.

Por outro lado, o crescimento da violência doméstica relaciona-se ao fato de que tal violência ocorre no interior do espaço privado, tradicionalmente concebido como domínio feminino e desvinculado do controle direto do Estado. Nesse sentido, é possível identificar a despolitização das relações domésticas, tratadas como esfera “natural” do cuidado e da reprodução social, invisibilizando as estruturas de poder que nelas operam. Assim, a casa se converte em um espaço onde a violência é administrada por moralidades locais, normas patriarcais e silenciamentos estruturais.

O processo pelo qual a violência doméstica se normaliza e se torna parte do cotidiano também pode ser interpretado segundo Veena Das (2007), que analisa como a

violência se inscreve no “ordinário” e se torna parte da vida íntima, escapando às formas institucionais de reconhecimento.

Assim, evidencia-se que o Estado exerce seu poder de maneira assimétrica:

- No espaço público, mobiliza tecnologias disciplinares, vigilância e policiamento, operando sob uma lógica de controle que torna certas violências mais visíveis e mais suscetíveis de intervenção.
- No espaço doméstico, apresenta atuação limitada, dependente da denúncia individual, em um cenário regulado por normas patriarcais e hierarquias de gênero que sustentam a reprodução da violência.

Dessa forma, a divergência entre os indicadores de violência urbana e violência doméstica não apenas deixa de ser paradoxal, mas revela a coexistência de diferentes regimes de governamentalidade, moralidade e hierarquias sociais que moldam a produção da violência no território.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1957.

BARBACENA TEM. Barbacena registrou 109 casos de violência contra a mulher neste ano; 2024 foram registrados 367 casos. 05 ago. 2025. Disponível em: <https://barbacenatem.com.br/barbacena-registrou-109-casos-de-violencia-contr-a-mulher-neste-ano-2024-foram-registrados-367-casos/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BARROSO em Dia. Veja como está Barbacena com relação à taxa de homicídios do Atlas da Violência. 20 jun. 2024. Disponível em: <https://barrosoemdia.com.br/destaque/veja-como-esta-barbacena-com-relacao-a-taxa-de-homicidios-do-atlas-da-violencia/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto; KANT DE LIMA, Roberto. *Pessoas e indivíduos: moralidades, direitos e conflitos no sistema de justiça brasileiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.

CARVALHO, José Murilo de. *Barbacena: a família, a política e uma hipótese*. Revista Brasileira de Estudos Políticos, n.º 20, jan. 1966, p. 153-193

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>

DA MATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAS, Veena. “Violência e Tradução”. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 6(18):623-636, 200

FOLHA DE BARBACENA. Violência doméstica e familiar: mais de 3 mil casos foram registrados em Barbacena nos últimos três anos. *Folha de Barbacena*, Barbacena, 2023 Disponível em: <https://folhadebarbacena.com.br/violencia-domestica-e-familiar-mais-de-3-mil-casos-foram-registrados-em-barbacena-nos-ultimos-tres-anos/>. Acesso em: 05 nov. 2025.

FOLHA DE BARBACENA. Barbacena é destaque entre as cidades mineiras mais seguras em 2024. 8 jan. 2024. Disponível em: <https://folhadebarbacena.com.br/barbacena-e-destaque-entre-as-cidades-mineiras-mais-seguras-em-2024/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Violência contra Mulher – essência: Dados estatísticos sobre violência doméstica e familiar contra a mulher e vítimas de feminicídio no Estado de Minas Gerais. Dataset. Portal de Dados Abertos do Estado de Minas Gerais. Disponível em: https://dados.mg.gov.br/fa_IR/dataset/violencia-contra-mulher/resource/f2957178-7f1d-4890-84af-a2aeb5e603fb?view_id=df914913-ea7b-4ad1-8053-215e30787918. Acesso em: 23 nov. 2025.

HOLSTON, James. *Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*.

LINS, Flávio. *Violência doméstica: silêncio e poder na família brasileira*. São Paulo: Cortez, 1998.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MELLO, Marco A.; SANTOS, Gilberto; VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços públicos em áreas urbanas*. São Paulo: Hucitec, 2017.

MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.

MYSIDE. *Ranking das 15 cidades mais seguras de Minas Gerais (MySide, 2023)*. Gráfico. 2023.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PIOVEZAN, Letícia Nogueira Chauke; DINIZ, Letícia Oliveira; CALMETO, Marina Nakao; FONTELLA, Rafael Brito; FERREIRA, Rayan Saúde Barreto; VIDAL, Carlos Eduardo Leal. Análise das fichas de notificação de violência emitidas por serviços de saúde da região de Barbacena. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 28, supl. 5, e-S280502, 2018.

RONCADOR, Sonia. *A doméstica imaginária: literatura, testemunho e trabalho doméstico no Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre moral e violência*. São Paulo: Cortez, 2004.

SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS – Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública. *Violência contra a mulher: dados de vítimas femininas de crimes violentos, de feminicídio e de violência doméstica contra a mulher – jan/2022 a dez/2023 – Minas Gerais*. Belo Horizonte, MG: Diretoria de Estatística e Análise de Informações de Segurança Pública, 2024. Disponível em: https://www.seguranca.mg.gov.br/images/0_planilhas-e-pdfs/transparencia/dados_abertos/Violencia_Contra_Mulher_2023-1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2025.

TELLES, Vera da Silva. *A cidade invencível: sobre precariedade e vida urbana*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2010.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.